

Por que Pertenço e por que Acredito

Clayton M. Christensen
Professor da Harvard Business School

À medida que progredi na minha vida, o meu compromisso com A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aprofundou-se por duas razões. A primeira é a minha razão de *pertencer* à igreja como instituição organizada: devido à forma como a igreja está organizada, ela coloca oportunidades para ajudar as outras pessoas que se cruzam no meu caminho todos os dias. Isso facilita os meus esforços - e em alguns casos quase me obriga - a praticar o Cristianismo, e não apenas acreditar nele. A segunda é a minha razão de *acreditar* que as doutrinas ensinadas na Igreja são verdadeiras. Ao estudar a Bíblia e o Livro de Mórmon, passei a conhecer através do poder do Espírito de Deus, que esses livros contêm a plenitude do evangelho de Jesus Cristo. A minha convicção aprofundou-se à medida que continuei a estudar esses livros e tentei fazer a vontade do meu Pai no céu.

Por que escolho pertencer à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como organização religiosa, ao invés de tentar viver uma vida boa, como indivíduo? É porque a Igreja ajuda-me a entender e a praticar a essência do cristianismo. O mecanismo pela qual a organização alcança isso é por não ter clérigos profissionais. Não contratamos ministros ou padres para ensinar e cuidar de nós. Isto obriga-nos a ensinar e a cuidar uns dos outros - e, na minha opinião, esse é o núcleo da vida cristã como ensinado por Cristo. Na verdade, sinto-me mal por meus amigos que pertencem a outras crenças nas quais clérigos profissionais são empregados - porque eles não sabem quanta alegria deixam de sentir por que "profissionalizaram" o ensino e o cuidado dos membros das suas igrejas a profissionais especialmente treinados.

Vários anos atrás, li uma história numa revista de atualidades sobre as inundações em vários estados ocidentais que resultaram do derretimento rápido da neve na primavera. Uma foto mostrou milhares de cidadãos mórmons em Salt Lake City que foram mobilizados com apenas algumas horas de antecedência por meio de uma chamada telefônica dos líderes da igreja local. Eles foram mostrados a encher sacos de areia que conduziram o fluxo do escoamento da água. O autor do artigo ficou maravilhado com a precisão do comando e controle - de caráter quase militar - através do qual a igreja SUD foi capaz de colocar o seu povo na linha de frente desta crise civil. Uma outra foto num artigo da semana seguinte, mostrava um residente de trinta e poucos anos de uma cidade ao longo de um rio de outro estado, sentado numa cadeira de jardim lendo enquanto guardas nacionais enchiam sacos de areia nas proximidades. O autor do artigo atribuiu o que ele viu à "eficiência organizacional" da igreja SUD, mas ele estava completamente errado e não tinha entendido o que tinha acontecido. Milhares de pessoas apareceram instintivamente e foram ajudar *porque elas fazem esse tipo de coisas todo o tempo, semana após semana, em mais de cem países ao redor do mundo, como parte de ser mórmon*. Este não foi um evento incomum - apenas mais uma semana na vida de um típico Mórmon.

Para ilustrar, deixem-me recordar algumas das coisas que pude fazer no curso normal de ser um membro desta igreja neste ano recente. Porque estudantes graduados e famílias jovens mudam e saem dos apartamentos com regularidade na área de Boston, uma lista é passada na igreja a cada poucas semanas, pedindo que homens apareçam no próximo sábado para ajudar uma família a carregar ou descarregar a sua carrinha de mudanças alugada. Os meus filhos e eu inscrevemo-nos todas as vezes e trabalhamos lado a lado com cinco a quinze outros homens e filhos por duas ou três horas, ajudando a família na sua mudança. Pelo menos uma vez por mês e até com mais frequência, quando necessário, visitei por designação um casal hispânico idoso - uma mulher que estava em situação de pobreza e cujo marido estava a lutar para superar o

seu vício do álcool. Eles viviam numa casa em ruínas numa zona problemática da cidade. Ao longo do ano, os homens da nossa congregação organizaram-se e pintaram, repararam, construíram e remodelaram o seu apartamento. Contribuímos com dinheiro para tornar possível a viagem de avião dos seus filhos crescidos que viviam em condições financeiras muito difíceis noutra parte do país e ajudamos a organizar uma reunião especial da família em Washington, DC. Todos os domingos, durante duas horas, eu cuidava de cerca de 14 crianças de 18 a 36 meses no berçário da igreja, para que os seus pais pudessem frequentar em paz a classe da Escola Dominical. A minha esposa Christine estava igualmente envolvida. Na tarefa que ela tinha naquele momento, quando ela sabia que uma mãe tinha tido um bebê ou que alguém estava doente, com apenas alguns telefonemas ela convocava as pessoas a aparecerem à porta dela por um dia, uma semana ou meses. Eles trariam refeições prontas a comer ou mãos prontas para limpar a sua casa e lavar a roupa da família.

O ponto importante sobre o parágrafo anterior é que a nossa experiência *não* foi incomum. *Todos* na congregação estavam a servir de maneira semelhante, não apenas aceitando designações para ajudar, mas buscando oportunidades para ajudar. Damos com frequência e recebemos com frequência. Por exemplo, pouco tempo depois, a nossa família cresceu e teve de mudar da nossa pequena casa para uma maior e divulgamos que apreciaríamos ter ajuda para carregar e descarregar o nosso camião de mudanças. Entre os que apareceram naquela manhã, estava Mitt Romney, agora governador de Massachusetts, que acabara de concluir com insucesso a sua campanha eleitoral ao Senado dos EUA. Ele tinha uma clavícula partida, mas por duas horas caminhou entre a nossa casa e o camião, fazendo tudo o que podia fazer apenas com o único braço. Esse espírito está sempre no ar na Igreja Mórmon, semana após semana, ano após ano. Os fortes ajudam os fracos e os fracos ajudam os fortes, e ninguém pensa em quem é fraco e quem é forte. Cria um espírito extraordinário de amor mútuo, porque, ao trabalharmos para ajudar os que precisam, o nosso amor e respeito por aqueles que ajudamos aumenta.

Os meus filhos foram criados não apenas pelos pais, mas por toda uma comunidade de pessoas notáveis. Um dos principais cientistas do mundo, um reitor da Harvard Business School, um pedagogo e o vice-presidente executivo da American Express Corporation eram os chefes dos escuteiros dos nossos filhos. Esses homens com posições de destaque no mundo, abnegadamente ensinaram os meus filhos sobre os primeiros-socorros e os valores da cidadania, e acamparam com eles na neve. Cada um de nossos filhos durante o ensino médio, frequentou a classe de “seminário diário matutino” - aulas de estudo das escrituras na casa de um membro da igreja todos os dias úteis logo de manhã das 6:30 às 7:15. As mulheres que ministravam essas aulas tinham diploma não em religião ou teologia, mas em arte, direito, enfermagem e literatura. Eles passaram várias horas no dia anterior, preparando e procurando uma maneira de ajudar os sonolentos alunos do ensino médio na manhã seguinte, a aprender mais profundamente um princípio do evangelho, e enviá-los para a escola com uma determinação mais firme de fazer o que é certo. A Christine e eu não criamos os nossos filhos sozinhos. Toda uma comunidade de cristãos altruístas contribuiu para ajudá-los a se tornarem adultos fiéis e competentes. Estaremos sempre gratos a esses homens e mulheres pelo que eles fizeram por nós. E sem exceção, eles expressaram gratidão por terem tido a oportunidade de ajudar – porque *eles* cresceram enquanto serviam.

Como não empregamos pregadores profissionais, isso significa que cada sermão ou lição da igreja é dado por um membro regular - mulheres e homens, filhos e avós. Isso significa que temos a oportunidade de aprender com *cada um* - pessoas em todas as esferas da vida que estão lutando com as suas próprias maneiras de seguir a Deus. Descobri, de facto, que algumas das coisas mais profundas que aprendi sobre o evangelho de Jesus Cristo veio de pessoas de quem, se julgado pelos padrões do mundo, não teriam a capacidade de ensinar ou demonstrar. Por exemplo, à cerca de uma década atrás eu estava a servir como bispo, ou ministro da congregação de estudantes universitários da região de Boston. Nós tínhamos designado um aluno do primeiro

ano da faculdade a proferiu um sermão sobre arrependimento na nossa reunião de adoração num determinado domingo. Ainda me lembro dele e do ponto chave do seu sermão: “Muitas vezes vemos o arrependimento como um processo lento. Não é. A mudança é instantânea. É não mudar que demora muito tempo.” Eu estava a lutar para superar um mau hábito em particular; e resolvi que eu mudaria o meu comportamento naquele momento e ali - parar de “não mudar”. Onde mais, exceto nesta igreja, um jovem estudante inexperiente poderia ter ensinado a um bispo uma lição tão profunda?

Eu acredito fortemente que esses mórmons que eu descrevi *não* são mais amorosos ou mais altruísta ou mais competente do que muitos, muitos indivíduos de outras religiões. O que é diferente, no entanto, é que vivemos e servimos num contexto que nos leva a usar esses atributos - servir, em vez de sermos servidos. E, à medida que os usamos, eles se tornam uma parte ainda mais poderosa de nós.

Um dos males que aflige pessoas prósperas e bem-sucedidas - muitas das quais têm extraordinários talentos e bons corações - é que eles tendem a viver e trabalhar entre pessoas igualmente prósperas e bem-sucedidas. Por isso, eles se isolam daqueles que precisam da sua ajuda. O que eu aprecio na Igreja Mórmon como uma infraestrutura para a vida cristã é que ela me coloca em contato com pessoas que eu posso ajudar. Uma vez disse a um amigo: “Se você realmente deseja viver uma vida como Cristo ensinou, comece a frequentar a Igreja Mórmon. Você nem precisa acreditar no que acreditamos. Mas se você quer praticar o cristianismo, *aqui* é onde o melhor que existe é praticado.”. É por isso que escolho *pertencer* à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O segundo tópico que quero abordar é porque é que *acredito* nas doutrinas da igreja. Eu nasci numa maravilhosa família mórmon e, quando cresci, encontrei poucas razões para não acreditar nos ensinamentos da Igreja. Os meus pais tinham uma profunda fé nos seus preceitos, e seu exemplo e encorajamento eram poderosos - Eu acreditava nos meus pais e sabia que eles acreditavam no evangelho de Jesus Cristo. Não foi até eu ter 24 anos, no entanto, que conheci essas coisas por mim mesmo.

Recebi uma bolsa de estudo da Rhodes para estudar na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Depois de lá viver por algumas semanas, longe do ambiente de apoio onde tinha sido criado, ficou claro que seguir o mormonismo naquele ambiente seria muito inconveniente. De facto, fazer o tipo de coisa que descrevi na primeira parte deste ensaio na congregação Mórmon em Oxford impediria a minha participação em muitas das coisas que tornaram Oxford uma tão rica experiência para anteriores beneficiários da minha bolsa de estudo. Decidi, como resultado disso, que tinha chegado a hora de eu aprender com certeza e por mim mesmo se o mormonismo era verdadeiro.

Eu já tinha lido o Livro de Mórmon antes - sete vezes, para ser exato. Mas em cada um dessas ocasiões eu o lera por designação – dos meus pais ou professores - e o meu objetivo ao lê-lo era terminar o livro. Desta vez, porém, o meu objetivo era descobrir se era um livro verdadeiro ou uma invenção.

Assim, reservei o horário das 23:00 à meia-noite, todas as noites, para ler o Livro de Mórmon junto á lareira no meu quarto frio no Queen's College. Comecei cada uma dessas sessões ajoelhando-me numa oração verbal. Eu disse a Deus, todas as noites, que estava a ler o livro para saber se era a Sua verdade. Eu Lhe disse que precisava de uma resposta para essa pergunta - porque, se não fosse verdade, não queria perder o meu tempo nesta igreja e procuraria outra coisa. Mas se fosse verdade, prometi dedicar a minha vida seguindo os seus ensinamentos e ajudando os outros a fazerem o mesmo.

Depois sentava-me na cadeira e lia uma página do Livro de Mórmon. Eu parava no fim da página e pensava sobre o que tinha lido. Eu perguntava-me sobre o significado do que tinha lido nessa página, no tipo de vida que eu queria para mim. Ajoelhava-me e orava em voz alta novamente, pedindo ao Senhor que me dissesse

se o livro era verdadeiro. Depois voltava novamente para a cadeira, virava a página e repetia o processo, durante o restante daquela hora. Eu fiz isso todas as noites.

Depois de ter feito isto por várias semanas, uma noite em outubro de 1975, sentado na cadeira e quando abria o livro depois da minha oração, senti um espírito maravilhoso entrar no meu quarto e envolver o meu corpo. Nunca tinha experimentado um sentimento tão intenso de paz e amor. Comecei a chorar e não queria parar. Eu soube então, de uma fonte de entendimento mais poderosa do que qualquer coisa que eu já senti na minha vida, que o livro que eu estava a segurar nas minhas mãos era verdadeiro. Era difícil ver através das lágrimas. Mas quando eu o abri e comecei a ler novamente, vi nas palavras do livro uma clareza e a magnitude do plano de Deus para nós que eu nunca tinha imaginado. O espírito ficou comigo durante toda essa hora. E todas as noites depois, quando orava e sentava-me na cadeira com o Livro de Mórmon, o mesmo espírito voltava. Isso mudou o meu coração e minha vida para sempre.

Era como se eu estivesse a ver o mais longe possível na direção ao horizonte, e estivesse bastante satisfeito por poder ver tudo o que havia para ver. Quando comecei a ler o Livro de Mórmon desta maneira, descobri, porém, que há muita mais beleza e verdade sobre quem somos e o que Deus tem reservado para nós, para além deste horizonte. Eu não sabia o que não sabia.

Adoro voltar a Oxford. Tal como o belo e histórico lar da universidade mais antiga do mundo, a cidade está cheia de estudantes e turistas. Para mim, no entanto, é um lugar sagrado. Foi ali que eu aprendi que a mensagem fundamental do Livro de Mórmon é de fato verdadeira - que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Foi lá que eu aprendi que Deus é realmente o meu Pai Celestial. Eu sou um Seu filho e Ele me ama e até mesmo conhece o meu nome. E aprendi que Joseph Smith, o homem que traduziu o Livro de Mórmon e organizou a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, foi um profeta de Deus no mesmo sentido em que Pedro e Moisés foram profetas. Adoro voltar a Oxford para lembrar o belo e poderoso espírito que veio ao meu coração e transmitiu essas mensagens a mim.

Durante a minha vida adulta, fui abençoado por testemunhar ou participar de muitos milagres - eventos que as escrituras chamam "dons do Espírito". Curei doentes pelo poder de Deus. Falei com o dom de línguas. Fui abençoado por ter visões da eternidade; foram revelados eventos no meu futuro que eram importantes para mim. Estes realmente foram dons e grandes bênçãos na minha vida. Mas quando avalio o impacto coletivo que eles tiveram na minha fé, o meu coração, e a minha motivação para seguir Jesus Cristo, eles empalidecem em significado e poder quando comparados com aquelas noites que eu passei com o Livro de Mórmon em Oxford.

Isso aconteceu comigo um quarto de século atrás. Sou grato por poder dizer que nos anos desde então, continuei sistematicamente a estudar o Livro de Mórmon e a Bíblia para entender ainda mais profundamente o que Deus espera de mim e da minha família enquanto estiver nesta terra. Eu passei milhares de horas fazendo o meu melhor para compartilhar o que estou a aprender com os outros e servi-los da maneira que Cristo deseja. E eu sou grato por dizer que, de tempos em tempos, o mesmo espírito que permeava meu coração em Oxford retorna - reafirmando que o caminho que estou a tentar seguir é de fato aquele que Deus, o meu Pai, e Seu Filho Jesus Cristo quer que eu prossiga. Isso trouxe-me profunda felicidade. É por isso que pertenço e por isso que eu acredito. Recomendo a todos essa mesma busca pela felicidade e pela verdade.